

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE BRASÍLIA – FTBB

Crítica Textual da Perícopes:

Habacuque 3.1-7

Por Luciano Medeiros da Costa

EXEGESE DO VELHO TESTAMENTO

Prof. Enoque Álvares

CRÍTICA TEXTUAL DA PERÍCOPE: HABACUQUE 3.1-7

Tradução Provisória

Procuramos fazer uma tradução literal, porém provisória da perícope. Procuraremos fazê-la da forma mais fiel possível ao texto, partindo do texto hebraico, tendo como referência o Texto Massorético, conforme a versão apresentada pela Bíblia Hebraica Stuttgartensia, para então analisarmos os problemas de crítica textual.

1 תַּפִּלָּה לְחַבְקוּק הַנְּבִיא עַל שְׁנִינֹת:

Oração do profeta Habacuque, advertência em tom de lamentações.

2 יְהוָה שְׁמִיעָתִי שְׁמִיעָה יְרֵאָתִי

Senhor, eu ouvi a tua fama e temi.

יְהוָה פָּעִלְךָ בְּקֶרֶב שָׁנִים חַיִּיהוּ בְּקֶרֶב שָׁנִים תִּזְדַּיעַ

Senhor, realiza a tua obra no meio dos anos. Faz-nos conhecê-la no meio dos anos.

בְּרָגְזוֹ רַחֵם תִּזְכּוֹר:

Na ira, lembra-te da compaixão.

3 אֱלֹהֵי מִתִּימָן יָבוֹא וְקָדוֹשׁ מִהַר-פָּאָרָן סָלָה

Deus, o Santo, veio de Temã, da montanha de Parã (pausa).

כֶּסֶף שָׁמַיִם הִזְדוּ וַתִּהְלֶתָ מְלֶאכֶה הָאָרֶץ:

Sua glória cobriu os céus e a terra está cheia de seu louvor.

4 וְנִגְוָה פָּאֹר תִּהְיֶה קִרְנִים מִיָּדוֹ לֹא וְשֵׁם תִּבְיוֹן עֹזָה:

E um brilho era como a luz, de suas mãos o resplendor e lá está oculto o seu poder.

5 לִפְנֵי יָלַף דָּבָר וַיֵּצֵא רָשָׁף לְהַגְלִיו:

Adiante dele irá a peste, a epidemia pelos seus pés.

6 עָמַד וַיִּמְדֹּד אֶרֶץ רָאָה וַיִּתֵּר גּוֹיִם וַיִּתְפָּצְצוּ הָרָרִי-עַד שָׁחוּ גְבָעוֹת עוֹלָם הִלִּיכוֹת עוֹלָם לוֹ:

Parou e mediu a terra. Olhou e desbaratou as nações e ele espalhou as montanhas eternas.

Os montes eternos encurvaram-se sob seus caminhos perpétuos.

7 תַּחַת אָנֹן רָאִיתִי אֶהְלִי כֹשֶׁן יִרְגְּזוּן יִרְעוֹת אֶרֶץ מִדְיָן:

Eu vi as tendas de Kushan sob a desgraça, tremeram as cortinas da terra de Midian.

Crítica Textual

V.I Oração do profeta Habacuque, advertência em tom de lamentações. Esta perícope apresenta uma notável diferença de estilo literário em relação aos capítulos anteriores de Habacuque. Claramente nota-se que se trata de um salmo e neste ponto encontramos o termo identificador de tal afirmação: *עַל שְׁגִיּוֹת* (*acerca de shigionot*) que indica o caráter poético-subjetivo, pela qual se faz a distinção entre profecia e louvor. *שְׁגִיּוֹת* (*shigionot*) deriva de *שִׁגְגָּה* (*shiggayon*), que por sua vez tem sua raiz etimológica em *שָׁגָה* (*shagah = shagag שָׁגַג*) que significa *transgredir pelo erro* (Delizsch), pecar; refere-se a um senso moral de transgressão que conseqüentemente traz a lume os pecados dos transgressores, tanto de judeus quanto de caldeus. No Salmo vii, por exemplo, *שִׁגְגָּה* indica, no cabeçalho, o estilo de poesia em que o salmo foi composto e com que estilo de música ou instrumentos ele deve ser acompanhado. Portanto, cremos que esta construção refere-se a uma oração contra a inadvertência dos povos, em sua ignorância, em forma de cântico (segundo a LXX μετὰ ὄδης - em companhia de hinos), ou, como traduzido provisoriamente, em tom de lamentações para ser cantado no serviço de adoração a Deus.

V.II Senhor, eu ouvi a tua fama e temi. Senhor, realiza a tua obra no meio dos anos. Faz-nos conhecê-la no meio dos anos. Na ira, lembra-te da compaixão. *שְׁמוּעָה* trata da fama do Senhor, ou das notícias que fizeram com que o profeta tivesse medo, notícias do juízo de Deus sobre Judá através dos caldeus e sobre os próprios caldeus, ele afirma – *eu temi* – *יִרְאַתִּי* (LXX ἐφοβηθην - *eu tive medo*). Obviamente não podemos afirmar que o temor do profeta se restringe ao juízo sobre os transgressores, mas ao temor à onipotência e soberania de Deus que indica não só reverência mas também fé na atuação do Juiz do Universo. Na LXX¹ a palavra ἐφοβηθην é substituída por κατενόησα (*eu vi* - *יִרְאַתִּי*), colocando Habacuque como testemunha viva dos atos de Deus, o que não diminui a reverência litúrgica do salmo, ao contrário, serve para confirmação e edificação dos que o ouvem por afirmar o cumprimento de promessas já dantes cumpridas ante Israel. Com esta afirmação (κατενόησα) Habacuque solicita a Deus que reavive sua obra em Israel, obra outrora conhecida e testemunhada necessária para a reabilitação de Israel como povo de Deus.

Diferentemente de uma profecia que faça referência somente ao futuro, Habacuque realça agora a obra de Deus *no meio dos anos*, incluindo-se o testemunho de Israel

diante da ação de Deus à suas obras vindouras. בְּקֶרֶב שְׁנַיִם trás esta ênfase, apesar de ser interpretado de diferentes formas, mas parece uma alusão à resposta divina em Hq 2.3, quando o oráculo traz um apontamento ao seu cumprimento no tempo devido. Na LXX vemos no lugar de חִיָּהּ שְׁנַיִם בְּקֶרֶב a frase ἐνμεσῶ δύο Ζῶων (entre dois animais). Notemos o comentário exarado na Bíblia de Jerusalém:

Nestes dois últimos hemistíquios o grego tem: “No meio de dois animais tu te manifestarás; quando estiverem próximos os anos tu serás conhecido; quando vier o tempo tu aparecerás”(…)

Juntamente com a referência de Isaías 1.3, alguns comentaristas (entre eles Orígenes) afirmam que os animais são um boi e um jumento e aludem ao nascimento de Cristo, na manjedoura. Habacuque, portanto, estaria fazendo mais claramente aqui menção da obra redentora por meio do Messias anunciado nos demais livros do AT, na plenitude da história desenvolvida segundo o propósito do Pai. Não estaria tratando somente do juízo prometido e ocorrido em Israel. Essa afirmação não estaria em desacordo com o texto massorético, a princípio Deus reavivaria sua atividade *visível* em Israel e a concluiria *no meio dos anos* (na plenitude dos tempos), por meio de Jesus Cristo.

Outra versão desta passagem no texto de Habacuque se encontra na revisão sistemática da LXX realizada por Áquila, porém, não nos deteremos muito nessa versão porque “por seu extremado literalismo, a versão de Áquila resultara praticamente ininteligível para quem não conhecesse o hebraico” (J. T Barrera). Em sua tradução para o grego חִיָּהּ שְׁנַיִם בְּקֶרֶב foi traduzida como ἐν τῷ ἐγγίZειν τὰ ἔτη Ζῶωσον αὐτό (*no aproximar-se ainda de seus animais*), o que, aparentemente, não parece ser coerente com relação ao texto e às demais versões supra citadas.

A repetição de בְּקֶרֶב שְׁנַיִם no verso 2, tem agora o intuito de enfatizar a intimidade de Deus com o seu povo a partir do momento que ele se dá a conhecer através de suas obras, também *no meio dos anos*, garantindo-lhes que mesmo em meio a tribulação a esperança deve estar viva na instrução do Senhor que também proferiu a restauração de Israel. A LXX corrobora a ênfase dessa expressão: ἐπιγνωσθήσῃ (= פָּרַט para conhecer [instruir] *perfeitamente*). Na LXX¹ já acontece uma variação maior: ἐν τῷ ταρεῖναι τὸν καιρὸν ἀναδειχθήσῃ (*tu te manifestas quando é chegado o tempo*) que em vez de realçar a relação entre Deus e o povo com base no *conhecimento* (na instrução perfeita do Senhor através de sua atitude), mantém a continuidade do pensamento acerca da soberania de Deus

exclusivamente em seus atos. Apesar disso, dessa forma Deus também gera conhecimento entre os homens – por meio dos atos Deus transmite seu caráter –, porém, na LXX¹ isso não é colocado de maneira tão explícita tanto quanto no Texto Massorético e na LXX. No Texto Massorético percebemos melhor a preocupação de Deus em buscar ser conhecido através de sua perfeita instrução, e reavivar seu nome em meio a um povo transgressor que deve lembrar-se, pela fé, que Ele está vivo e atuante, e, assim, permanecerá para sempre.

Na ira, lembra-te da compaixão, no final do verso 2, revela-nos o desejo do profeta em que nos atos divinos de Deus, no castigo a Judá, o Senhor se compadeça de seu povo que sofre nas mãos de tiranos e rapidamente os retire desta situação. Promovendo o castigo dos opressores de Judá após a lição que lhe foi dada. Na LXX e na LXX¹ ambos os textos cooperam para essa interpretação: (LXX) ἐν τῷ παραχθῆναι τὴν ψυχὴν μου (*tu murchas na ira e lembra-se da misericórdia*); (LXX¹) ἐν ὀργῇ ἐλέους μνησθήσῃ (*na ira lembra-se da misericórdia*).

V.III Deus, o Santo, veio de Temã, da montanha de Parã (selá - pausa). אֱלֹהִים (Eloá - Deus): nome divino arcaico. מִתְיַמָּן (de Temã): distrito do norte do país de Edom ou Seir. פַּרְאִי (Parã): montanha situada em Edom. Aqui começa a teofania, compreendendo a chegada e o combate de Deus. Esta visão épica evoca em vários pontos a marcha triunfal de Deus à frente de seu povo por ocasião do Êxodo, tipo da libertação futura. Deus “o Santo” avança do Sinai para Canaã, pelo sudoeste da Palestina, região donde vêm também as tempestades. Sua aproximação é descrita sob o aspecto de uma nuvem de tempestade. As expressões designam, quer a nuvem, quer Deus, que nela se manifesta. Como já vimos, a fé de Israel não se baseava em conceitos que foram evoluindo com o tempo ou com um tipo de revelação meramente especulativa. Baseava-se fundamentalmente na história, nos atos de Deus. O Deus de Israel é o Deus da experiência histórica e não das palavras dissociadas de atos. “O Senhor, o Deus dos hebreus, nos encontrou” (Ex 3.18). Iavé era o Deus que encontrara o seu povo num momento crítico e o guiara à redenção. O evento histórico marcante para Israel era o êxodo, como Habacuque registra, é uma lembrança de fé: o seu Deus era o Deus da história, o Deus que age, o Deus do êxodo. Deus agora está em marcha e é representado aproximando-se em juízo, vindo do distrito onde Israel não só experimentara sua graça redentora mas também fizera aliança com Ele.

Habacuque ainda chama ao Senhor de “o Santo”. Diz que a terra encheu-se do seu louvor, não um louvor entoado pelo povo. O texto é um paralelismo, recurso comum na poesia hebraica. Neste caso aqui, as duas sentenças significam a mesma coisa: a sua glória

encheu os céus e o seu louvor encheu a terra. “Louvor” é usado como um sinônimo para “majestade”. Quando o Santo se põe em marcha, a sua glória cobre os céus e, em paralelismo, sua majestade enche a terra. Neste verso vemos a característica de hino confirmando-se pela partícula סָלָה, que indica a mudança no acompanhamento musical (ou de ritmo).

V.IV E um brilho era como a luz, de suas mãos o resplendor e lá está oculto o seu poder. Aqui a versão Siríaca e a LXX trazem a palavra וְנִגְדָּהּ (seu brilho) no lugar de וְנִגְדָּהּ (um brilho), o que não ocasiona nenhuma interferência na mensagem do texto. A glória de Deus é como o brilho do sol, Ele tem em si mesmo um brilho inacessível que subjuga as trevas removendo qualquer dúvida de que ele é o Senhor, Todo-poderoso e inigualável. De suas mãos surgem raios (קֶרְנִים), ou, traduzindo literalmente, “chifres”, que antigamente sempre foram um emblema de *poder*. Talvez esses “raios” tivessem a semelhança de “chifres”, como a resplandecência do rosto de Moisés depois de ter estado exposto ao resplendor divino. Essa deve ser uma imagem minguada do brilho da glória e do poder de Deus e está completamente de acordo com a tradição dos hebreus. Inclusive o poder está detido nas mãos do Senhor, de seus punhos procede sua força, é claramente uma metáfora descritiva de Deus para a finitude imaginativa do homem. O poder em suas mãos é a evidência de que está sob o total domínio e controle do único que pode utilizá-lo, neste caso, Deus.

Nos aparatos críticos da BHS (Bíblia Hebraica Stuttgartensia, cf. Kittel, p. 949) sugere-se que em vez de וְנִגְדָּהּ עֻזָּהּ (e lá está oculto o seu poder), talvez o texto correto fosse וְנִגְדָּהּ בְּעֻזָּהּ (e lá há alegria na fortuna) o que deve ser rejeitado pois o texto refere-se a um Deus Todo-poderoso que se encaminha em direção à aplicação de um juízo (Delitzsch, p. 100).

V. V Adiante dele irá a peste, a epidemia pelos seus pés. Para Delitzsch, רַעֲשָׁן é, literalmente, “febre”. Seria a febre causada pela pestilência, como o fogo que consome após a passagem de Deus. Praga e pestilência procedentes de Deus personificam e representam seu juízo. Schökel traduz רַעֲשָׁן como “a peste”, ou epidemia de peste que fica após a passagem de Deus ao castigar os homens. De qualquer forma este verso é uma preparação para o que vai se iniciar quando Deus vem para julgar o mundo e seus habitantes.

V. VI Parou e mediu a terra. Olhou e desbaratou as nações e ele espalhou as montanhas eternas. Os montes eternos encurvaram-se sob seus caminhos perpétuos. Na LXX, em lugar de וַיִּמְדֵּךְ (mediu) está a palavra ἐσαλεύθη (chacoalhou, agitou). Aparentemente, essa última, não é a melhor forma de se entender o texto. O parar e medir a terra, alude ao Senhor que clama o direito inerente a si mesmo de ser o soberano sobre aquilo

que criou. Um lance de seu olhar medindo os méritos humanos, que não são nada para si, mostra seu direito soberano de julgar e atribuir juízo aos homens. Tal entendimento não é possível se substituirmos “medir” por “chacoalhar”. Chacoalhar transmitiria um aspecto excessivamente arbitrário de Deus, que agiu impensadamente (precipitadamente) como se houvesse perdido o controle e a paciência para com suas criaturas. Essa leitura fere aquilo que apreendemos como princípios ensinados pelo próprio Deus, agir contra sua própria natureza, para Deus, é impossível.

V. *VII Eu vi as tendas de Kushan sob a desgraça, tremeram as cortinas da terra de Midian.* Agora o profeta é mais específico sobre os efeitos da vinda do Senhor. Primeiro ele fala da aparição de Deus de cima de uma montanha, depois ele se coloca de frente para as nações e as mede. Pressupondo seu destino e o efeito da ação de Deus Kushan e Midian são tomados de pavor.

Basicamente há duas possibilidades a respeito da identificação de Kushan e Midian. As referências nos levam a duas associações, primeiro a tribos nômades da península do Sinai e a auto-manifestação de Deus naquele ambiente. A segunda se refere a alusão dos dois serem os primeiros opressores de Israel depois de entrarem em acordo na terra de Canaã.

Kushan pode ser entendido como uma forma expandida do nome “Kush”, similar a expansão do nome de “Lot” para “Lotan” em Gn 36.20. Conseqüentemente Kushan deve referir-se à Etiópia. Esta interpretação é suportada pela LXX que tem Kushan como *Aithiupon* (Etiópia).

Por outro lado, “Kush/Kushan” pode referir-se a uma tribo de beduínos da península do Sinai que era vizinha de Midian, mencionada em Ex 3.1. A este respeito, a esposa midianita de Moisés (Ex 2.21; 18.2) é aparentemente chamada de kushita em Nm 12.1. O maior problema com esta segunda identificação de Kush com Midian é que ela viola o progresso de Deus retratado em sua vinda do Sinai para a Palestina. Todo o assunto dos versos anteriores tratam do progresso da teofania e sua glória movendo-se dos picos do Sinai.

Embora o termo Kushan não apareça sozinho fora de Hb 3.7, ele aparece compondo a frase “Kushan-Rishathaim” em Jz 3.8-11. Naquele contexto, Kushan surgia como o primeiro opressor de Israel, enviado por Deus para oprimir-los por causa de seus pecados. Por esta razão, a referência a Kushan-Rishathaim no contexto de Habacuque é muito apropriado.

A referência às *cortinas da terra de Midian* é um eco intencional do aspecto distintivo da confrontação de Deus com os invasores midianitas que oprimiam Israel na época dos Juízes. As cortinas que tremem em Midian caracterizam a transitoriedade do sofrimento

infligido sobre o povo de Deus, que acontece hoje mas é julgado e terminado amanhã. O juízo é então transferido aos opressores que tremem diante de Iavé.

Bibliografia

Comentários e afins

- Hubbard, A. David, Joel e Amós – Introdução e Comentário, Mundo Cristão, 1984.
- Hill, Andrew E. & Walton, John H., *A Survey of the Old Testament*, Grand Rapids, 2000
- S. Baer and Franz Delitzsch, *Quinque Volumina* (Leipzig, 1886)
- Delitzsch, Franz, *Commentaries on the Old Testament, Habakuk*, Grand Rapids, 1874.
- Pusey, E. B. – *Pusey on de Old Testament, Minor Prophets*, 1950

Bíblías de Referência para Tradução

- Bíblia Hebraica: Stuttgartensia, Second Edition, amended 1977
- Authorized King James Version - KJ
- Bíblia de Jerusalém - BJ
- Tradução Ecumênica da Bíblia - TEB
- Nova Versão Internacional - NVI
- Vulgata Latina - Traduzida pelo Pe. Matos Soares
- Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original - SBTB

Dicionários e Afins

- Gesenius, Willians, *Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament*, Grand Rapids, 1949
- Harris , Laird R.; Archer, Gleason L.; Waltke, Bruce K., *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, Edições Vida Nova, 1998.
- Schökel, Luis Alonso, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, Paulus, 1997.
- Dicionário Hebraico-Português*, Sinodal, 1999.
- Kelley, Page H., *Hebraico Bíblico – Uma Gramática Introdutória*, Sinodal, 2ª Edição, 2000.